

Uma ética do "parlêtre" (Lacan)

Em 1966, no texto dos *Écrits* intitulado *La science et la vérité*, Lacan associava estreitamente a psicanálise ao nascimento da ciência moderna no século XVII, sem a qual, afirmava ele, a descoberta freudiana jamais poderia ter ocorrido.

Ao libertar-se da questão do sujeito e ao excluí-lo, a ciência, no sentido moderno do termo, deu um passo decisivo e conheceu um crescimento prodigioso. No entanto, não nos diz onde está o bem, onde está o mal, nem "até onde ir" - daí a criação de "comités de ética" hoje em dia.

Se a abordagem científica já não queria saber nada da dimensão subjectiva, para Lacan, esta última, como um efeito de retroacção, regressou dois séculos mais tarde através da clínica.

"Deixa-me falar", diziam as histéricas a Freud, inaugurando a "*talking cure*".

Este foi o início das descobertas da psicanálise. A começar pela existência de uma estrutura inconsciente em que cada "vivente falante", na sua singularidade, se encontra preso ao seu corpo "a ponto de não estar lá por falta de poder falar dele", diz Lacan em *Radiophonie*.

O sujeito da psicanálise é um sujeito dividido, dividido pela fala e pela linguagem. Enquanto "falante", ele tem de se inserir numa dimensão simbólica na qual já está inscrito desde o seu nascimento. E esta inscrição tem um custo: o de uma perda radical de gozo na relação com o outro e com o seu corpo.

Essa parte perdida do gozo, perdida para sempre e chamada por Lacan de "*petit a*", provoca no sujeito um desejo identificado por Freud como indestrutível. Um desejo que, quando é demasiado doloroso, assume uma forma sintomática.

No entanto, desde Freud e mesmo Lacan, os sintomas evoluíram e, sem dúvida, dizem algo sobre a época em que aparecem, e assumiram novas formas: nomeadamente sob o efeito de uma certa erosão da dimensão simbólica, ao ponto de o real, numa espécie de coalescência com o imaginário, se manifestar hoje de uma forma algo invasiva.

O fenómeno da toxicoddependência, por exemplo, está a crescer exponencialmente e multiplicou-se. Assume agora muitas formas diferentes e propaga-se de maneiras muito diversas. Como o paradigma de uma espécie de relação hipnótica com o objecto, envolve directamente o real do corpo, mas não sem o danificar...

Outra grande "desordem" dos Estados Unidos, retomando à sua maneira a *French Theory*, atravessa hoje a nossa sociedade: uma *Desordem de Género* assim designada em 1990 por Judith Butler. Uma desordem, no entanto, relativizada como estando alinhada com outras no controverso DSM, que se pretende cientificamente objectivo e deseja "despatologizar".

Com a ajuda dos laboratórios farmacêuticos e das companhias de seguros, a noção de sintoma foi assim desmantelada e com ela uma psiquiatria de inspiração freudiana que escutava o que podia ser dito sobre a verdade do sujeito.

O género passou então a reprimir a questão do sexo ao nível da sociedade, se não a repudiar ou a forçar.

Isto levou à criação de consultas médicas para a "disforia de género" onde, ao longo dos anos, cada vez mais adolescentes têm sido atendidos. De dez por ano, passou-se a dez por mês. Sob o efeito, poder-se-ia dizer, de uma espécie de "contágio histórico", esta nova oferta foi aparentemente levada a deixar de se preocupar com a distinção, essencial para os psicanalistas, entre a procura e o desejo.

Isto levou também os pais com a sua criança de seis/sete anos, como a "*Menina*" do filme de Sébastien Lifshitz transmitido na televisão, a recorrer a estas consultas, quando alguns meses podem ser suficientes para que psicanalistas experientes levem uma criança a elaborar uma fantasia que, acima de tudo, pede para ser ouvida e reconhecida; e assim poupar a criança de passar a sua fantasia directamente para a realidade do seu próprio corpo, com todas as consequências que daí podem advir...

No entanto, em nome da "cientificidade" e da eficácia, a psicanálise tende a ser desacreditada, se não mesmo banida, das instituições de saúde, ou seja, de um discurso cujos estragos, infelizmente, só podemos observar cada vez mais...

Se a causa do desejo, na sua radicalidade, nos compromete de alguma forma com a pulsão de morte, esta última, através da mediação do simbólico regido pela função fálica, é chamada a fazer um desvio - aquele de que fala Freud em *Para além do princípio do prazer* em relação à morte.

O desejo deve ainda poder estruturar-se, nomeadamente com o Édipo, e não deve estar saturado de gozo.

Mas, sob o efeito de um neo-liberalismo desenfreado e de uma função simbólica degradada, o desejo não estará hoje sufocado ou à deriva? Como o gozo não pode mais

ser absorvido, as tensões aumentam, transbordam e a violência se desencadeia, acompanhada de um discurso no qual só se fala de "agressores" e "agredidos".

O uso da linguagem, o léxico e a sintaxe são abreviados, empobrecidos, homogeneizados, levados, poder-se-ia dizer, pelo real e pelo imaginário.

E quando o registo significante se esboroa, a sua função estruturante e mediadora é reduzida em conformidade, apelando ao imediatismo, ao impulso e, por fim, na repetição, à pulsão de morte. Nada impede que o sujeito, assim enfraquecido, se refugie sob a égide de um líder, naquilo a que Freud chamou "psicologia das massas" ou "psicologia da multidão"...

Até que ponto o real, associado ou mesmo coagulado com o imaginário, prevalecerá sobre os efeitos da linguagem dita "natural", que metaforiza, por assim dizer, a lei da espécie?

Esquecê-lo, ignorá-lo, não será ater-se a uma concepção instrumental e redutora do discurso e da linguagem, na ignorância da sua função constitutiva para o desejo do sujeito na sua singularidade? O que é que acontece quando a revolução digital, a inteligência artificial e as tecnociências se impõem, ou tentam mesmo suplantá-las? Aqui teremos de nos referir à obra de Nestor Braunstein, sobre aquilo a que ele chamou, antes de nos deixar, *O discurso dos mercados*.

Vivemos numa época, ao que parece, em que a ciência começa a desdobrar todas as suas consequências e em que as questões éticas se colocam com particular acuidade.

Se, em 1966, Lacan considerava que "o sujeito da psicanálise não é outro senão o da ciência" - ou seja, não há ciência sem psicanálise e, sem dúvida, reciprocamente, não há psicanálise sem ciência... -, alguns anos mais tarde, numa entrevista à *France-Culture*, em Julho de 1973, especificava como via a função da psicanálise e, conseqüentemente, o papel e a responsabilidade dos psicanalistas: "A análise não é uma ciência", dizia. "É o discurso sem o qual o discurso da ciência não é defensável pelo ser que a ele acedeu durante mais de três séculos! O discurso da ciência tem conseqüências irrespiráveis para aquilo a que chamamos humanidade. A análise é o pulmão artificial através do qual tentamos assegurar que podemos encontrar o gozo no discurso para que a história continue ».

Numa altura em que Chatgpt coloca a questão da travessia de um novo limiar para o sujeito humano, esta reflexão de Lacan, que data de há cinquenta anos e que confere uma tal função à psicanálise, só pode encorajar os psicanalistas a não abandonarem a bússola do seu desejo.